

# Estilos do cuidado

*A psicanálise e  
o traumático*

2ª edição

**Daniel  
Kupermann**

Porto Alegre

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos, 2026

Copyright © 2026 Artes & Ecos

**EDITOR** Lucas Krüger

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO** Luísa Zardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

K96e

Kupermann, Daniel

Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático /  
Daniel Kupermann – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2026.

208 p.; 15,5 X 22,5 cm

ISBN 978-65-87457-56-7

1. Psicanálise.

---

CDD 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária  
Janaina Ramos — CRB-8/9166

**ARTES & ECOS** 

---

Artes & Ecos  
[contato@arteseecos.com.br](mailto:contato@arteseecos.com.br)  
[www.arteseecos.com.br](http://www.arteseecos.com.br)

## SUMÁRIO

|    |                                                                                                        |
|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 11 | <b>APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS</b>                                                                   |
| 19 | <b>Princípios para uma ética do cuidado em psicanálise: hospitalidade, empatia e saúde do analista</b> |
| 21 | Hospitalidade                                                                                          |
| 24 | Empatia                                                                                                |
| 25 | A saúde do analista                                                                                    |
| 31 | <b>A maldição egípcia e as modalidades de intervenção clínica em Freud, Ferenczi e Winnicott</b>       |
| 31 | <i>Per via di levare?</i>                                                                              |
| 33 | Limites da interpretação                                                                               |
| 36 | Prolongamentos da técnica ativa                                                                        |
| 39 | Fantasias provocadas: a atividade na técnica da associação                                             |
| 41 | A neocatarse e a via sensível da elaboração                                                            |
| 47 | A regressão à dependência e o brincar compartilhado                                                    |
| 55 | <b>A “desautorização” em Ferenczi: do trauma sexual ao trauma social</b>                               |
| 55 | Introdução                                                                                             |
| 56 | Saber dói: o trauma em Freud                                                                           |
| 58 | O trauma como confusão de línguas                                                                      |
| 60 | A desautorização traumatizante                                                                         |
| 62 | Phármakon                                                                                              |

**65 Trauma, sofrimento psíquico e cuidado  
na psicologia hospitalar**

- 65 Introdução
- 66 O tempo da vida
- 69 Sobre a transitoriedade
- 71 O jogo do carretel: ilusão e desilusão
- 72 A vida do nosso tempo: trauma e cuidado
- 76 Os tempos do cuidado na clínica: hospitalidade,  
empatia e saúde do cuidador

**81 Humor, desidealização e sublimação na psicanálise**

- 81 O trabalho de desidealização
- 85 A política “solitária” do humor
- 89 Sublimação, humor e orfandade
- 95 A prova dos nove

**101 Quem quer ser senhor da sua própria casa?**

- 102 Geração nômade?
- 104 Bater em cachorro morto?
- 106 Lavagem dos inconscientes
- 110 Microcontribuição a um debate bastante atual
- 111 Lacan: entre a psicanálise a céu aberto e a paróquia
- 117 Onde estão os psicanalistas hoje?

**123 Sobre a produção psicanalítica e os  
cenários da universidade**

- 123 Discursividade e transferência
- 127 Genealogia da formação psicanalítica
- 135 Os cenários da universidade

**145 O poder da palavra e a origem do pensamento freudiano**

- 145       Preâmbulo
- 146       Introdução
- 149       Anna O. e a *talking cure*
- 155       Charcot, a Salpêtrière e a histeria
- 157       Sugestão: o poder da palavra
- 159       O trauma: o sexual e seus destinos
- 162       A transferência: o poder do amor
- 163       Considerações finais

**167 A criança, o infantil e o que o psicanalista (não) sabe**

- 167       Introdução
- 169       A criança maliciosa
- 171       A criança obediente
- 173       O bebê sábio: a criança traumatizada
- 176       Um gaio saber?

**181 Sobre o final da análise com crianças e adolescentes**

- 181       Introdução
- 183       Freud e o problema do final das análises
- 183       O fator tempo
- 183       As condições para um final satisfatório
- 184       O caráter profilático do tratamento
- 186       Os obstáculos à finalização do processo psicanalítico
- 187       Compartilhar com crianças
- 194       Acompanhar adolescentes

**205 REFERÊNCIAS DAS PUBLICAÇÕES**

## **APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS<sup>1</sup>**

Nas páginas seguintes busco explorar as consequências e os desdobramentos de dois postulados que, se não são unânimes, encontram eco na maior parte da comunidade psicanalítica: a psicanálise é e sempre foi uma prática de cuidado do sofrimento psíquico; e um espectro ronda a história da sua constituição, desde sua origem ao seu estado atual – o espectro do trauma.

De fato, nada parece ser mais singelo no que concerne à Psicanálise. No entanto, convém questionar os momentos em que o desenvolvimento de uma disciplina convoca o *desafio do ovo de Colombo*. Qual a necessidade, nos dias que correm, do gesto de se fazer manifestos os princípios que balizam a clínica psicanalítica – no caso, os princípios para uma ética do cuidado? E qual a necessidade de se retomar a concepção de que o sofrimento psíquico não se resume à inevitável e democrática dor de existir, porém, em muitos casos, cada vez mais presentes, faz apelo à convicção de que o trauma não é uma lenda da qual Freud lançou mão para dar o pontapé inicial na sua teorização, e sim uma vicissitude tangível do psiquismo? A concepção de trauma se aproximaria, assim, mais de um mito fundador necessário ao qual se atrela todo exercício clínico, e ao qual se retorna sempre que novos impasses se apresentam ao psicanalista.

---

<sup>1</sup> Escrito, originalmente, em 2017.

# **Princípios para uma ética do cuidado em psicanálise: hospitalidade, empatia e saúde do analista**

Na tradição psicanalítica, as obras dos autores que influenciaram as gerações subsequentes apresentam contribuições originais ao pensamento freudiano em três registros distintos, porém intimamente articulados:

o *metapsicológico* (ou teórico propriamente dito), que termina por constituir também uma nova leitura psicopatológica;

o da *teoria da clínica*, referido, por sua vez, ao modo como se compreende a gênese do sofrimento psíquico e os meios de tratá-lo; e

o *ético-político-institucional*, referido às condições de possibilidade encontradas pelo psicanalista para o exercício do

# **A maldição egípcia e as modalidades de intervenção clínica em Freud, Ferenczi e Winnicott**

## ***PER VIA DI LEVARE?*<sup>1</sup>**

Quando Michelangelo finalmente descobriu sua Pietà, a reação do público – que perdura entre os visitantes da basílica de São Pedro até os dias de hoje – foi de êxtase e perplexidade. Frente à questão de como lhe era possível criar tanto encantamento nas formas das suas esculturas, Michelangelo conseguia, graças a uma refinada espirituosidade, preservar o segredo da sua *arte*: nada mais fazia do que libertar as formas presas no mármore. O que não o impediu de esculpir seu nome na obra, na calada da noite, frente à ameaça de ver sua autoria atribuída a outro artista (Vasari, 1998, p.425).

---

1 A primeira parte deste capítulo foi extraída de Kupermann (2010).

# **A “desautorização” em Ferenczi: do trauma sexual ao trauma social**

## **INTRODUÇÃO**

As contribuições da Psicanálise para os estudos dos traumas sociais encontram um marco inaugural decisivo: o resgate empreendido pelo psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, no final dos anos 1920, da importância do traumatismo para a produção de sofrimento psíquico. De fato, a dedicação de Ferenczi ao fenômeno do trauma – que se acentuou a partir da sua experiência como médico do exército húngaro no *front* da I Grande Guerra, e depois com pacientes comprometidos em sua constituição narcísica e em seus processos identificatórios – promoveu uma torção decisiva no entendimento psicanalítico acerca da importância da alteridade na produção de experiências disruptivas traumáticas.

# **Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na psicologia hospitalar<sup>1</sup>**

## **INTRODUÇÃO**

Minha primeira atuação como concursado no serviço público foi justamente em um hospital no Rio de Janeiro, o Instituto Estadual de Hematologia Arthur Siqueira Cavalcanti, onde atuei por cerca de cinco anos, tendo sido, inclusive, chefe do setor de psicoterapia.

No início dos anos 1990, a psicologia hospitalar não era ainda uma área de atuação tão desenvolvida como é hoje, e não tínhamos formação adequada que nos preparasse para a realidade que encontraríamos no hospital. O problema da identidade do psicólogo hospitalar era tamanho que pode ser exemplificado pelo fato de que discutimos por muito mais tempo do que o razoável a cor do jaleco que usaríamos – pensávamos que deveria ser diferente do branco, para que não

---

<sup>1</sup> A partir da conferência de abertura do 10º Congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, intitulada “O tempo da vida e a vida do nosso tempo”.

# Humor, desidealização e sublimação na psicanálise

## O TRABALHO DE DESIDEALIZAÇÃO

É legítima a curiosidade acerca das motivações de um pensador do quilate de Freud para debruçar-se sobre um tema pouco ortodoxo como o humor. E ele não o faz de modo pontual ou isolado. Pode-se mesmo dizer que a problemática do humor atravessa a sua obra do início ao fim. Do seu interesse pelas piadas judaicas que colecionava – e que compartilhava com Fliess – durante o período de gestação de *A interpretação dos sonhos* (1900/1980), passando pelo enorme esforço empreendido para a elaboração do livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905/1980), culminando na publicação do pequeno e inusitado ensaio “O humor” (1927/1980) já em sua maturidade intelectual – isso sem contar a onipresença do humor em sua vida e em seu estilo literário, cujos exemplos são inumeráveis (cf. Gay, 1989; Kupermann & Slavutsky, 2005).

# Quem quer ser senhor da sua própria casa?

É sempre constrangedor quando sou abordado por jovens estudantes de Psicologia, ou mesmo por psicólogos recém-formados, que me pedem conselhos sobre como encaminhar sua formação psicanalítica. Em algum momento da conversa meus interlocutores inevitavelmente querem saber minha opinião sobre determinadas instituições, para dirimir suas dúvidas e facilitar sua escolha. Nessas ocasiões me sinto entre a cruz e a caldeirinha. De um lado, a evidência de que participar de uma instituição psicanalítica<sup>1</sup> ainda pode ser importante no percurso de formação de um psicanalista – seja para o estabelecimento de uma comunidade de experiência e saber, seja para o estabelecimento de uma rede de amizades. De outro, a percepção de que, muitas vezes, a pertinência a Sociedades ou Escolas psicanalíticas é francamente iatrogênica; o “mínimo

<sup>1</sup> Uso aqui, indiscriminadamente, os termos instituição, agremiação ou sociedade para designar as sociedades psicanalíticas filiadas à IPA (*International Psychoanalytical Association*), as Escolas de orientação teórico-clínica lacaniana, e aquelas que optaram pela independência em relação a essas duas tradições, oferecendo uma formação pluralista. Para um aprofundamento do sentido de cada um dos termos, ver Enriquez e Enriquez (1971).

# **Sobre a produção psicanalítica e os cenários da universidade**

## **DISCURSIVIDADE E TRANSFERÊNCIA**

A pergunta é inspirada em Michel Foucault (1969/2000), no ensaio *O que é um autor?* A descoberta de um manuscrito de Freud provocaria algum impacto na situação dos saberes que compõem o campo psicanalítico? E, à guisa de comparação, a descoberta de um ensaio de Galileu, ou de Newton, provocaria, por sua vez, efeitos relevantes no conhecimento adquirido no campo da física contemporânea? O aprofundamento dessa indagação indica uma importante diferença entre os processos de constituição do campo psicanalítico e os do campo das “cientificidades” (como o nomeia Foucault), e nos permite sublinhar algumas especificidades da produção de saber na Psicanálise.

A resposta, não tão óbvia, sugere que a publicidade de qualquer documento póstumo atribuído a Newton ou Galileu terá

# O poder da palavra e a origem do pensamento freudiano<sup>1</sup>

## PREÂMBULO

Este capítulo foi escrito graças a minha impossibilidade de proferir – devido uma inesperada intervenção cirúrgica na corda vocal dias antes – uma aula inaugural do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo dedicada a uma apresentação panorâmica da criação da Psicanálise por Sigmund Freud. Ele foi a solução para um angustiante impasse, e permitiu a transformação da impossibilidade de falar em uma comunicação escrita a ser lida por um terceiro que, no entanto, mantivesse a presença indelével do seu autor.

Apenas após a desidentificação com o próprio Freud, vítima por muitos anos de um câncer no palato que o impedia frequentemente de falar, foi possível articular a situação vivida com as questões que estão na origem da descoberta freudiana acerca

---

<sup>1</sup> A partir de aula inaugural da disciplina *Introdução à Psicanálise: Freud*, oferecida para o curso de graduação em psicologia do Instituto de Psicologia da USP.

# **A criança, o infantil e o que o psicanalista (não) sabe**

## **INTRODUÇÃO**

O questionamento acerca do saber e do não saber do psicanalista suscita uma pergunta inicial: quem vai nos dizer o que não sabemos? Essa questão será adotada como inspiração para o argumento deste capítulo.

Na nossa cultura, o psicanalista assumiu o papel daquele que revela o oculto que habita cada homem, que vai dizer o que o sujeito não sabe (ao menos o que não sabe que sabe), e os analisandos que procuram uma análise o fazem, em sua maioria, pelo fato de que seus sintomas e seu sofrimento configuram enigmas que, sozinhos, não conseguem elucidar. Uma divertida passagem de *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, de 1910, é bastante ilustrativa do lugar ocupado pelo psicanalista na cultura segundo a imaginação de Freud e o imaginário vigente já nas primeiras décadas do século XX:

# **Sobre o final da análise com crianças e adolescentes**

Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões “impossíveis” quanto as quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a Educação e o Governo. (Freud, 1937/1980)

## **INTRODUÇÃO**

Empregando a analogia com o jogo de xadrez, Freud sugere, em *Sobre o início do tratamento* (1913/1980), que somente a abertura e o final das partidas admitem uma apresentação sistemática e exaustiva, o desenrolar sendo marcado pela indeterminação; o mesmo ocorrendo com uma explanação, para os iniciantes, acerca do processo psicanalítico. Jacques Lacan (1968/2003, p. 252), revendo essa passagem, sublinha que o

## Referências das publicações

Capítulo 1 – Kupermann, Daniel. (2011). Principios para una ética del cuidado em psicoanálisis: hospitalidad, empatía y salud del analista. In Boschán, P. (org.). *Sándor Ferenczi y el psicoanálisis del siglo XXI*. Buenos Aires: Letra Viva, p.249-257.

Capítulo 2 – Kupermann, Daniel. (2014). A maldição egípcia e as modalidades de intervenção clínica em Freud, Ferenczi e Winnicott. *Revista brasileira de psicanálise*, 48(2), 47-58.

Capítulo 3 – Kupermann, Daniel. (2015). A “desautorização” em Ferenczi: do trauma sexual ao trauma social. *Cult*, 205, 39-45.

Capítulo 4 – Kupermann, Daniel. (2016). Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na psicologia hospitalar. *Rev. SBPH* 19(1), 6-20.

Capítulo 5 – Kupermann, Daniel. (2010). Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, 22(1), 193-207.

Capítulo 6 – Kupermann, Daniel. (2013). Quem quer ser senhor da sua própria casa? In Duvidovich, E. (org.). *Diálogos sobre formação e transmissão em psicanálise*. São Paulo: Zagodoni.

